



EM DEBATE

Saúde em Debate

ISSN: 0103-1104

revista@saudedebate.org.br

Centro Brasileiro de Estudos de Saúde
Brasil

Silveira Cardoso, Lorena; Ferreira dos Santos, Marcos Vinicius; Lepaus Thomas, Cíntia;
de Siqueira, Marluce Miguel

Fatores de risco e proteção para o consumo de drogas: conhecimento de estudantes de
uma escola pública

Saúde em Debate, vol. 37, diciembre, 2013, pp. 147-157

Centro Brasileiro de Estudos de Saúde
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406341755017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Fatores de risco e proteção para o consumo de drogas: conhecimento de estudantes de uma escola pública

Risk factors and protection against drug use: knowledge of public school students

Lorena Silveira Cardoso¹, Marcos Vinicius Ferreira dos Santos², Cíntia Lepaus Thomas³, Marluce Miguel de Siqueira⁴

¹ Mestranda em Saúde Coletiva do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória (ES), Brasil.
lo-silveira@hotmail.com

² Mestrando em Saúde Coletiva do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória (ES), Brasil.
mvsantos@hotmail.com

³ Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória (ES), Brasil.
cintialepaus@yahoo.com

⁴ Pós-Doutora pela Universidade do Texas, Professora Associada II do Departamento de Enfermagem da Ufes e do PPGSC-UFES. Coordenadora de Pesquisa do CEPAD-UFES.
marluce.siqueira@ufes.br

RESUMO: Objetivou-se investigar os fatores de risco e proteção para o consumo de drogas entre estudantes de uma escola municipal em Vitória – ES. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com uma população de 500 alunos, matriculados em 2011. Dos escolares, 62,5% relatam que conversar sobre drogas com os pais diminui as chances de consumir, 41,7% referem que conviver com familiares e/ou amigos usuários os torna mais vulneráveis ao uso. Ainda, 70,8% destes, relataram que a autoestima elevada previne o uso de SPAs. Portanto, para desenvolver atividades de prevenção ao uso de SPAs, primeiramente faz-se necessário conhecer as atitudes e crenças dos alunos, bem como da escola, família e comunidade.

PALAVRAS CHAVE: Adolescente, Prevenção primária, Uso indevido de drogas.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the risk and protective factors for drug use among students of a municipal school in Vitoria - ES. This is a descriptive, exploratory, with a population of 500 students enrolled in 2011. Of students, 62.5% report that talk about drugs with their parents decreases the chances of consuming, 41.7% report living with family and / or friends users makes them more vulnerable to use. Still, 70.8% of these reported that high self-esteem prevents the use of PAS. Therefore, to develop prevention activities to the use of PAS, first it is necessary to know the attitudes and beliefs of students as well as school, family and community.

KEYWORDS: Adolescent; Primary prevention; Drug abuse.

Introdução

O consumo de drogas (SPAs) é um fenômeno que tem transcendido a categoria de problema de saúde e vem se expandindo mundialmente. As SPAs interferem não só em nível biológico, mas em todo o contexto biopsicosocial dos indivíduos que as consomem, tornando os vulneráveis a situações de risco (CARLINI *et al.*, 2005; CARLINI; NOTO; SANCHEZ, 2010).

No Brasil, nota-se a redução da idade para o início do uso de drogas. Pesquisas do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CARLINI; NOTO; NAPPO, 2002 CARLINI; NOTO; SANCHEZ, 2010) mostram que o uso na vida pode já acontece aos 10 anos de idade, sendo as principais drogas, além do álcool e do tabaco, os solventes e a maconha.

No VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada nas Capitais Brasileiras (CARLINI; NOTO; NAPPO, 2002 CARLINI; NOTO; SANCHEZ, 2010), encontrou-se que 60,5% e 16,8% dos estudantes relataram, respectivamente, uso na vida de álcool e tabaco. Também foi possível detectar que 25,5% dos estudantes terem referiram uso na vida de alguma droga ilícita e 5,5% relataram uso no mês. Entre os que relataram algum consumo, embora a maioria tivesse idade maior de 16 anos, também foram observados relatos na faixa entre 10 e 12 anos.

Assim, com a atual tendência de expansão do consumo de drogas, bem como a iniciação cada vez mais precoce torna-se necessária a realização de ações e medidas de prevenção, evitando dessa forma a experimentação, bem como a progressão para o uso regular, abuso e, consequentemente, a dependência. Por isso, segundo Santos (2011), a temática vem assumindo grande importância na dinâmica escolar, pois a escola tem sido apontada como local de primeiro contato com as drogas.

Conforme Schekner e Minayo (2005), os adolescentes por estarem em uma fase do desenvolvimento humano em que ocorrem muitas mudanças, sendo considerado um período de risco para o envolvimento com drogas. E por ser um período do desenvolvimento no qual tendem a ocorrer os primeiros episódios de uso de bebidas alcoólicas ou outras drogas, a adolescência

torna-se alvo da maioria dos programas de prevenção (NIDA, 2003; SLOBODA, 2005).

Existem diversas abordagens na condução de estratégias preventivas, que de uma maneira geral objetivam diminuir a probabilidade de o adolescente usar ou manter o uso de drogas e desta forma as diversas abordagens de prevenção ao uso de drogas enfatizam a redução dos fatores de risco e ampliação dos fatores de proteção. Esses fatores podem ser identificados em todos os domínios da vida: no próprio indivíduo, na família, na rede de amizades, na escola ou no trabalho, na comunidade ou em qualquer outro nível de convivência social (SENAD, 2009).

Sudbrack (2003) conceitua fatores de risco como circunstâncias sociais e/ou pessoais que a tornam vulneráveis a assumir comportamentos arriscados, como usar drogas. Fatores de proteção são aqueles que contrabalançam as vulnerabilidades, tomando a pessoa com menos chances de assumir esses comportamentos.

São vários os fatores relacionados ao uso de SPAs, entre adolescentes, destacam-se problemas familiares, desemprego, desavenças amorosas, baixo rendimento escolar, como possíveis explicações para os adolescentes iniciarem o uso e, por conseguinte evoluírem para o abuso e para a dependência de álcool e outras drogas (PECHANKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004). Sendo assim oferecer ao adolescente apenas conhecimento teórico, não é suficiente para uma estratégia de prevenção eficaz, visto que os adolescentes precisam aprender a identificar uma situação de risco, compreender sua vulnerabilidade, conhecer alternativas de proteção, para que quando se deparam com a situação de decisão, consigam concluir qual é a escolha adequada em conformidade com seus valores pessoais levando em conta riscos e dimensionamento das consequências posteriores (PECHANKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004; MIRANDA; GADELHA; SZWARCWALD, 2005).

Cabe ressaltar que o meio cultural configurado pelo conhecimento, crenças, valores, atitudes pode conduzir a comunidade ou seus grupos específicos, no caminho da abstenção ou uso de SPAs (PILLON; LUIS, 2004). O Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (BRASIL, 2006) preconiza medidas para prevenção do uso indevido de drogas, tendo como diretriz

a promoção dos valores éticos, culturais e de cidadania do povo brasileiro, reconhecendo-os como fatores de proteção para o uso indevido de drogas e outros comportamentos correlacionados.

É preciso, portanto, para maior efetividade das ações preventivas, compreender e valorizar o conhecimento dos sujeitos a respeito de suas condutas comportamentais, valores culturais e informações prévias para a prevenção do consumo de drogas.

Face ao exposto, objetivou-se neste trabalho, identificar o conhecimento de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública acerca dos fatores de risco e proteção para o consumo de substâncias psicoativas.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza exploratória, realizado em uma escola pública de ensino fundamental do município de Vitória, no Espírito Santo. A população do estudo foi constituída de 500 alunos que estavam devidamente matriculados na escola, no período segundo semestre de 2011. A amostra foi intencional e composta por estudantes com perfil de liderança e protagonismo, selecionados pelos professores da escola. Na época da pesquisa havia 12 (doze) turmas de 5^a a 8^a série, nos turnos matutino e vespertino, sendo escolhidos 2 (dois) alunos de cada turma e desta forma configurando uma amostra de 24 estudantes.

Inicialmente enviou-se uma solicitação à Secretaria Municipal de Educação, solicitando a autorização para o desenvolvimento da pesquisa e concessão de liberação dos estudantes de suas respectivas aulas para a aplicação dos questionários. Realizou-se um estudo piloto, a fim de padronizar a coleta de dados e realizar adaptações necessárias ao questionário. Após explicação dos objetivos do estudo, houve aplicação do questionário na escola, pelos pesquisadores. Estudantes e seus pais e/ou responsáveis que aceitaram participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

O instrumento utilizado foi elaborado pelos pesquisadores considerando a literatura nacional e internacional que, além de condições socioeconômicas, versa sobre os fatores de risco e proteção para o consumo de

substâncias psicoativas (HOFFMANN; CERBONE, 2002; TAVARES; BERIA; LIMA, 2004; SANCHEZ, 2004; SCHEKNER; MINAYO, 2005). Sendo este instrumento um questionário estruturado constituído por 20 questões fechadas, que são afirmações acerca de fatores relacionadas às drogas, onde o estudante tem como alternativas de resposta as opções falso e verdadeiro. O questionário aborda os fatores de risco e proteção em 3 (três) níveis, de acordo com uma abordagem classificatória apresentada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (BRASIL, 2012) a saber:

- **Fatores de Risco e Proteção Individuais:** relacionados à personalidade, mecanismo de enfrentamento e crenças dos adolescentes;
- **Fatores de Risco e Proteção Familiares:** relacionados à dinâmica familiar, com enfoque na relação dos pais com o adolescente;
- **Fatores de Risco e Proteção Ambientais:** relacionados às questões socioculturais do ambiente em que vive o adolescente;

Os dados foram analisados com o auxílio do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS), na versão 17.0, utilizando-se a frequência absoluta e relativa para apresentação das respostas das questões.

Este estudo integrou o projeto de pesquisa intitulado “Conectando Saberes e Prevenindo o uso de substâncias: dialogando com a comunidade” (Prot. Nº 051/11), que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de acordo com os dispositivos da Resolução Nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa com Seres Humanos.

Resultados e discussão

Participaram deste trabalho 24 estudantes, sendo a maioria alunos do sexo feminino (58,3%), na idade entre 11 a 14 anos (83,2%), da raça/cor caucasóide/branca (37,5%) seguido de pardos (33,3%). Acerca da

Tabela 1. Características sócio-demográficas dos adolescentes. Vitória-ES, 2012.

CARACTERÍSTICA	N	%
SEXO		
Masculino	10	41,7
Feminino	14	58,3
TOTAL	24	100
IDADE		
11 a 12 anos	10	41,6
13 a 14 anos	10	41,6
15 a 16 anos	4	16,8
TOTAL	24	100
RENDIMENTO FAMILIAR		
Não Respondeu	1	4,2
Entre 1 e 2 Salários	5	20,8
De 2 a 3 Salários	8	33,3
Entre 3 a 4 Salários	4	16,7
De 4 a 5 Salários	3	12,5
Entre 5 ou mais	3	12,5
TOTAL	24	100
ESCOLARIDADE DA MÃE		
Não Respondeu	1	4,2
Ensino Fundamental	7	29,2
Ensino Médio	16	66,1
TOTAL	24	100
ESCOLARIDADE DO PAI		
Não Respondeu	5	20,8
Ensino Fundamental	8	33,3
Ensino Médio	10	66,7
Ensino Superior	1	4,2
TOTAL	24	100
RELIGIÃO		
Não Respondeu	1	4,2
Católico	14	58,3
Evangélico	6	25,0
TOTAL	24	100

CARACTERÍSTICA	N	%
RAÇA/COR		
Branco	9	37,5
Negro	6	25,0
Pardo	8	33,3
Amarelo	1	4,2
TOTAL	24	100

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 2. Conhecimento de adolescentes sobre fatores de risco e proteção individuais para o consumo de drogas. Vitória-ES, 2012.

FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO	VERDADEIRO		FALSO	
	N	%	N	%
Receber elogios sobre as atitudes certas realizadas por você aumenta sua autoestima e consequentemente previne o uso de drogas.	23	95,8	1	4,2
O uso de drogas ajuda a solucionar problemas da vida.	5	20,9	19	79,2
O medo do efeito da droga pode fazer com que as pessoas não tenham vontade de usá-las.	24	100	0	0
A droga lícita (legalizada) é menos prejudicial que a droga ilícita (illegal).	14	58,4	10	41,7
As pessoas usam drogas porque querem.	22	91,7	2	8,3
Eu sempre vi com bons olhos os usuários de drogas, eles são mais descolados.	6	25	18	75
Se sentir bem consigo mesmo ajuda a não desejar usar drogas.	23	95,8	1	4,2
Uso de drogas não deveria ser considerado um problema de saúde, pois afeta poucas pessoas.	08	33,4	16	66,7
Quanto uma pessoa está triste, ela tem mais chance de usar drogas.	20	83,4	4	16,7
Pessoas tímidas tem mais chance de consumir drogas.	8	33,4	16	66,7
Estar ansioso é um motivo para as pessoas usarem drogas.	7	29,2	17	70,8

Fonte: Elaboração Própria

renda familiar, 33,3 % referiram possuí-la entre 2 a 3 salários mínimos. Quanto à religião, houve predomínio de Católicos (58,3%). Em relação ao nível de escolaridade, tanto as mães quanto os pais, estudaram até última série do ensino médio, sendo 66,1% e 66,7% respectivamente, como demonstrado na *Tabela 1*.

A *Tabela 2* apresenta a distribuição das respostas dos pesquisados em relação às questões relacionadas aos fatores de risco e proteção, no nível individual. Observa-se que 91,7% relata acreditar que as pessoas usam

drogas porque querem, todos (100%) acham que o medo do efeito das drogas pode fazer com que as pessoas não tenham vontade de usá-las. Ainda em relação aos fatores individuais, os estudantes concordam que o uso de drogas ajuda solucionar problemas da vida (20,9%) e que a droga lícita é menos prejudicial que a droga ilícita (58,4%). Outro resultado relevante é que 95,8 % relatou que receber elogios e se sentir bem consigo mesmo, aumenta a autoestima e consequentemente previne o uso de SPAs

Nota-se que de modo geral os estudantes conhecem os fatores de risco e proteção, em nível individual, para o uso de SPAs. Contudo alguns dados merecem atenção, principalmente o fato de a maioria considerar que as pessoas usam droga porque querem.

Sabe-se que esta consideração não é específica de adolescentes e permeia a sociedade brasileira de uma maneira geral. Este dado corrobora com o modelo explicativo de abordagem Moral, no qual os usuários são considerados responsáveis pelo início do uso drogas, sendo culpabilizados pelo problema e vistos como pessoas que possuem falhas de caráter (PILLON; LUIS, 2004).

Este resultado apresenta-se também em consonância com outros estudos (KILLEN, 1991; NUCCI, 1991; CRUZ, 2009), como o trabalho de Nucci, Guerra, Lee (1999) que investigaram a relação entre o uso de substâncias psicoativas por adolescentes e os conceitos que estes têm a respeito de tal conduta e obtiveram que a maioria deles indicou que o uso de drogas é uma questão de prerrogativa pessoal ou de prudência.

Visualizar o consumo como algo inerente a pessoa e ao seu autocontrole, pode propiciar que o indivíduo se coloque em situações de vulnerabilidade e risco, cedendo à pressão de grupos e assim iniciando ou intensificando o uso de SPAs.

Mesmo que a dimensão moral seja um aspecto importante relacionada ao uso abusivo de drogas ainda pouco investigado, o consumo de drogas é uma questão ampla, multifatorial, e não deve ser reduzida a ele, ainda que seja necessário valorizá-lo na compreensão do problema. Desta forma é imprescindível ultrapassar os limites do âmbito moral e compreender o consumo de drogas num contexto de interação, entre sujeito, ambiente e SPAs para compreender a suscetibilidade ao uso e processo de evolução do consumo (DIEHL, 2011).

O presente estudo detectou que os pesquisados, em maioria, relataram que a droga lícita é menos prejudicial que a droga ilícita. Consideração esta não exclusiva de adolescentes e está presente na população como um todo, que por sua vez conceitua como droga apenas as SPAs ilícitas, focalizando os problemas ocasionados por estas, a despeito da magnitude dos efeitos negativos do álcool e do tabaco. Isto pode ser explicado pela aceitação social das drogas lícitas, que são de fácil acesso

e estão presentes nas celebrações sociais e em diversas ocasiões, encontram-se presente no contexto familiar e na rede de relacionamentos dos adolescentes.

O álcool é a droga mais usada por adolescentes (CARLINI et al., 2010), e uma explicação se deve aos efeitos positivos de sua intoxicação como a desinibição. Os adolescentes começam a beber para recreação e, para muitos deles, o álcool é uma carta de aceitação nos eventos sociais e seu consumo implica riscos relativamente baixos ou ausentes. Mas, seu uso pode ser responsável por muitos danos nas esferas sociais e individuais.

Inquéritos internacionais (UNODC, 2008; WHO, 2011) constataram em relação ao álcool, quase 2 bilhões de pessoas no mundo fazem uso e é responsável por 4% de todas as mortes no mundo, cerca de 2,5 milhões de pessoas morrem anualmente. Quanto ao tabaco, este afeta 25% da população mundial adulta e 5 milhões são atribuídas ao uso de tabaco por ano, enquanto as drogas ilícitas são responsáveis por 200 mil mortes por ano.

A dicotomia SPAS lícitas e ilícitas é vislumbrada no nível das políticas públicas pois de acordo com Souza e Kantorski, a política nacional relacionada às drogas, possui diretrizes que enfatizam a distinção entre as drogas lícitas e ilícitas, considerando um ideal de sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e uso indevido de drogas lícitas.

Acerca da autoestima, os adolescentes participantes deste estudo a consideram como fator de proteção, e alguns estudos (HOFFMANN; CERBONE, 2002; SANCHEZ, 2004; SCHEKNER; MINAYO, 2005; BRASIL, 2012) também consideram seu efeito protetivo ao consumo de drogas. A autoestima elevada pode favorecer ao não uso de drogas mesmo em um ambiente com a presença de fatores de risco com a disponibilidade de drogas. Assim, atividades de prevenção devem enfocar a informação como um meio de resgatar, principalmente a autoestima, formando sujeitos para construir atitudes e valores construtivos, encorajando o desenvolvimento de sua personalidade, da sua identidade e valores (APA, 1995).

Ao serem questionados sobre os fatores relacionados à família, 100% dos adolescentes afirmou que conversar com os pais diminui as chances do consumo.

Tabela 3. Conhecimento de adolescentes sobre fatores de risco e proteção familiares para o consumo de drogas. Vitória-ES, 2012.

FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO	VERDADEIRO		FALSO	
	N	%	N	%
Os jovens que conversam sobre as drogas com os pais têm menores chances de querer usá-las.	24	100	0	0
Quando uma pessoa tem na família ou amigos que se deram mal com o uso de drogas, ela tem menos vontade de usá-las.	23	95,8	1	4,2
Algumas pessoas não usam drogas porque tem medo dos pais.	17	70,8	7	29,2
Conviver com familiares e amigos que usam drogas torna a pessoa mais vulnerável a usá-las.	19	79,2	5	20,8
As brigas familiares são fatores que influenciam ao consumo de drogas.	23	95,9	1	4,2

Fonte: Elaboração Própria

Observou-se também que 71,9% responderam que conviver com familiares e/ou amigos usuários os tornam mais vulneráveis. E ainda, 95,9% respondeu que as brigas familiares são fatores que influenciam ao consumo de drogas (*Tabela 3*).

Desta forma, os dados encontrados pela presente pesquisa corroboram com os achados de outras, que mostram que uma família desestruturada, com ausência de diálogo e interação afetiva, baixo envolvimento dos filhos nas atividades familiares e pouco controle dos pais sobre os filhos, facilitam o consumo de drogas por adolescentes (CATALANO *et al.*, 1992; HOFFMAN, 1993; NEWCOMB, 1995; PIKO, 2000; BLUM *et al.*, 2003; SANCHEZ, 2004; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2004; SCHEKNER; MINAYO, 2005; WANDEKOKEN; SIQUEIRA, 2011)

Tavares, Beria e Lima (2004), em um estudo transversal com uma amostra de 2.410 adolescentes, encontraram que quanto à situação conjugal dos pais, aqueles cujos pais haviam se separado referiram um uso superior em mais de 50% em relação aos jovens cujos pais viviam juntos (RP=1,55; IC 95%: 1,26-1,90). E aqueles adolescentes que referiram um relacionamento ruim ou péssimo com o pai ou com a mãe apresentaram consumo de drogas significativamente maior do que os que referiram um relacionamento ótimo ou bom, respectivamente, com o pai (RP=2,04; IC 95%:

1,44-2,88) ou com a mãe (RP=2,77; IC 95%: 1,90-4,03). Da mesma forma, referiram maior uso de drogas os que consideravam o pai liberal ou a mãe liberal quando comparados, respectivamente, àqueles que consideravam o pai ou a mãe autoritários.

O uso de álcool e outras drogas pelos pais e/ou irmãos é um fator de risco importante, assim como, a ocorrência de isolamento social entre os membros da família, envolvimento materno insuficiente, práticas disciplinares inconsistentes ou coercitivas, dificuldade em estabelecer limites aos comportamentos infantis e aprovação do uso de drogas pelos pais (SANCHEZ, 2004; SCHEKNER; MINAYO, 2005; WANDEKOKEN; SIQUEIRA, 2011).

A família pode constituir-se como fator protetivo ou de risco, a depender das relações estabelecidas por seus membros, principalmente o diálogo e o afeto existentes. Os pesquisados conseguiram notar as situações em que a dinâmica familiar propicia risco ou proteção. Reis (s.d) em uma revisão sistemática acerca dos fatores de risco, com recorte temporal de dez anos, conclui que fatores de risco e de proteção não são estáticos, pois há entre eles considerável transversalidade, sendo que dependendo da situação apresentam variabilidade de influência.

No estudo de Sanchez; Oliveira; Nappo (2004), que investigou fatores de proteção entre adolescentes, a

família foi o fator protetor mais citado pelos entrevistados, adquirindo importância na estruturação do ser, fornecendo, segundo os entrevistados, elementos essenciais como apoio, carinho e proteção, apresentando-se como base fundamental da educação na infância e adolescência e como parâmetro de controle das atitudes e companhias dos filhos.

No que diz respeito aos fatores de risco e proteção no nível ambiental, os resultados apontaram que 50% dos estudantes acreditam que as propagandas e demais recursos da mídia não influenciam no uso de drogas. Ainda obteve-se que em relação a estes fatores, a maioria (87,5%) considera verdadeiro que pessoas que fazem alguma atividade, como, estudo, cursos, esporte, música, teatro entre outras, se estas apresentam menores chances de usar drogas e que todos os pesquisados (100%) afirmaram que frequentar lugares de acesso fácil às drogas, aumenta as chances de consumi-las (*Tabela 4*).

Metade dos respondentes não considerou a mídia um fator de risco. Sabe-se que a mesma funciona como veículo de informação e por diversas vezes estas informações são incentivadores do consumo, principalmente quando as propagandas transmitidas vinculam o uso de álcool ao prazer e a alegria.

Além disso, de acordo com Soldera, outros autores (2004) e Cartana (2004) os enunciados de cartazes e propagandas de TV utilizam técnicas de persuasão,

que abordam aspectos psicológicos moldáveis do público-alvo, facilitando a adesão ao produto veiculado. A mídia impressa, na forma de cartazes, tem alcance populacional bem mais restrito que outros meios de comunicação, no entanto, justamente por seu caráter restrito, atinge mais particularmente grupos específicos, no caso os jovens.

Todavia, não se pode culpabilizar a mídia, pois ela reflete e retrata a cultura vigente. E, seria um erro menosprezar a capacidade crítica dos adolescentes, como também a sinergia de vários outros elementos com os meios de comunicação (SCHENKER; MINAYO, 2005). Até porque conviver num lugar onde o consumo de substâncias psicoativas é aceitável, de certa permite que o adolescente o aceite. Ainda, viver numa sociedade que incentiva o uso, como por exemplo, pela mídia, transmite um pensamento que uma droga, mesmo que lícita, seja algo bom e consequentemente será adotado por um consumidor influenciável como o adolescente (CANAVEZ; ALVES; CANAVEZ, 2010).

Quanto ao envolvimento em atividades de lazer e sociais, obteve-se a maioria considerando um fator de proteção, dado que está em consonância com o disposto na literatura, como por exemplo, nos achados de pesquisas (SOARES, 2000; CARTANA, 2004) que referem quando as pessoas que estão envolvidas em algum projeto e esperam alcançar seus objetivos

Tabela 4. Conhecimento de adolescentes sobre fatores de risco e proteção socioambientais para o consumo de drogas. Vitória-ES, 2012.

FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO	VERDADEIRO		FALSO	
	N	%	N	%
Propagandas na TV sobre drogas influenciam as pessoas a terem vontade de usá-las.	12	50	12	50
Quem tem religião apresenta menor chance de usar drogas.	18	75	6	25
Se para participar de um grupo com pessoas que você gosta muito, fosse necessário usar drogas, você experimentaria.	1	4,2	23	95,8
As pessoas que fazem alguma atividade, como, estudo, cursos, esporte, música, teatro entre outras, tem menores chances de usar drogas.	21	87,5	3	12,5
Quando se frequenta lugares de acesso fácil às drogas, isso aumenta as chances de consumi-las.	24	100	0	0

Fonte: Elaboração Própria

responsabilizando-se pelos seus resultados, têm probabilidade menor de se envolverem com drogas. E também, aqueles adolescentes que participam ativamente na organização e no desenvolvimento de atividades em sua escola mostram-se comprometidos tanto com os ideais do projeto, quanto com seus pares e consequentemente se envolvem menos com SPAs.

Assim, os programas de prevenção de drogas, devem buscar em suas metas que os jovens tenham possibilidades de serem realizados em suas potencialidades, e não apenas visem mantê-los ocupados, promovendo, assim, a saúde mental do adolescente e consequentemente, evitando o uso abusivo de álcool e outras drogas (SOLDERA, 2004).

Nota-se que todos os participantes concordam que o ambiente com fácil acesso a drogas favorece e facilita o uso. Este dado é amplamente observado na literatura, contudo cabe ressaltar que a influência social exercida através principalmente pelo grupo de pares é muito poderosa, sendo que as atitudes sociais têm um papel mais importante que a disponibilidade de drogas (SILVEIRA; MOREIRA, 2006). Tanto que no presente trabalho, um indivíduo (4,2%), mesmo considerando frequentar ambientes com facilidade de acesso a drogas como fatores de risco, afirmou que experimentaria drogas, para participar de um grupo com pessoas das quais gosta muito.

Considerações finais

Através deste trabalho, conclui-se que os adolescentes tem um bom conhecimento sobre os fatores de risco

e proteção para o consumo de substâncias psicoativas. Identificando principalmente os fatores relacionados à família, como diálogo com pais, conflitos e consumo de drogas na família. Contudo, em nível individual, a questão moral do uso de drogas prevalece com foco para os problemas e prejuízos causados pelas drogas ilícitas, em detrimento da magnitude e prevalência de efeitos negativos decorrentes do álcool e do tabaco.

Desta forma, é necessário que ações preventivas procurem reforçar o relevante papel da família e consigam incluir, valorizando, os valores culturais e crenças dos adolescentes em suas estratégias.

Foi possível identificar também, a existência de característica do ambiente, das pessoas, das situações e personalidades que funcionam como facilitadores ou protetores do uso de drogas, sendo que, a depender do momento, uma característica de proteção poderá constituir-se também de risco para o uso de drogas. Nesse sentido, compreender as situações e fatores que levam uma pessoa a iniciar e usar drogas não é simples, como também não existem respostas e explicações definitivas. Diversos fatores se interagem e definem cada situação e realidade. Portanto, este estudo ressalta a importância da singularidade do sujeito na prevenção e identificação de fatores de vulnerabilidade.

Por fim, ressalta-se que a adolescência é um momento oportuno para a realização de ações de prevenção do consumo de SPAs, uma vez que nesta faixa etária muitos indivíduos, ainda não iniciaram o uso contínuo, nem experimentaram drogas, e, sobretudo, porque valores podem ser agregados a formação cidadã, ainda em curso, destes sujeitos. ■

Referências

- ALVES, R; KOSSOBUDZKY, L. A. Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 65-79, 2002.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM - IV*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BLUM, R.W. et al. Adolescent health in the Caribbean: risk and protective factors. *American Journal of Public Health*, v. 93, n. 3, p. 456-460. 2003.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Tratamento da dependência de crack, álcool e outras drogas: aperfeiçoamento para profissionais de saúde e assistência social*. Brasília: SENAD; 2012.

_____. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição*. Brasília: Ministério da Saúde. 2004; p.29-35.

_____. Presidência da República. Gabinete da Segurança Institucional *Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006*. Secretaria nacional Antidrogas, Brasília, 2006.

CANAVEZ, M.F.; ALVES, A.R.; CANAVEZ, L.S. Fatores predisponentes para o uso precoce de drogas por adolescentes. *Cadernos Unifoa*, n.14, dezembro, 2010.

CARLINI, E.A. et al. *II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005*. São Paulo: CEBRID Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2005.

CARLINI, E.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; NAPPO, A.S. *I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do País-2001*. São Paulo: CEBRID: UNIFESP, 2002.

CARLINI, E.A.; NOTO, A.R.; SANCHEZ, Z.V.D.M. *VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino nas 26 capitais brasileiras e Distrito Federal*. São Paulo: CEBRID: UNIFESP 2010.

CARTANA, M.H.F. et al. Prevenção ao uso de substâncias psicoativas. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 286-289, 2004.

CATALANO, R.F. et al. Ethnic differences in family factors related to early drug initiation. *Journal of Studies on Alcohol*, v. 53, n. 3, p. 208-217, 1992.

CRUZ, L. A. N.; MARTINS, R. A.; TEIXEIRA, P. S. Julgamento sócio-moral entre estudantes que fazem uso de bebidas alcoólicas: aceitabilidade, categorias de justificação e jurisdição de autoridade. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v.5, n.2, p. 1-14, 2009.

DIHEL, A. et al. *Dependência química*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HOFFMANN, J.P.; CERBONE, F.G.; 2002. Parental substance use disorder and the risk of adolescent drug abuse: na event history analysis. *Drug and Alcohol Dependence*. v. 66, p. 255-264, 2002.

HOFFMANN, J.P. Exploring the direct and indirect family effects on adolescent drug use. *The Journal of Drug Issues*, v. 23, n. 3, p. 535-557, 1993.

KILLEN, M.; LEVITON, M.; CAHILL, J. Adolescent reasoning about drug use. *Journal of Adolescent Research*, n. 6, p. 336-356, 1991.

MIRANDA, A.E.; GADELHA, A.M.J.; SZWARCWALD, C.L. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2002. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 207-216, 2005.

NEWCOMB, M.D. Identifying high-risk youth: prevalence and patterns of adolescent drug abuse. *NIDA Research Monograph*. n. 156, p. 7-37, 1995.

NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE (NIDA). *Preventing drug use among children and adolescents: a research-based guide*. Bethesda: NIH Publication, 2003.

NUCCI, L.; GUERRA, N.; LEE, J. Adolescent judgments of the personal, prudential, and normative aspects of drug usage. *Developmental Psychology*, v. 27, n. 5, p. 841-848, 1991.

PECHANKY, F.; SZOBOT, M.C.; SCIVOLETTO, S. Uso de Álcool entre Adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatológicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 26, supl. 1, p. 14-17, 2004.

PIKO, B. Perceived social support from parents and peers: which is the stronger predictor of adolescent substance use? *Substance Use & Misuse*, v. 35, n. 4, p. 617-630, 2000.

PILLON, S. C.; LUIS, M. A. V. Modelos explicativos para o uso de álcool e drogas e a prática da enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 12, n. 4, p. 676-682, 2004.

REIS, J. C. K. *Prevenção do uso indevido de drogas em adolescentes: levantamento de pesquisas brasileiras publicadas no período de 1990-2007*. Disponível em: <http://www.uniad.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=741&catid=44&Itemid=96>. Acesso em 03 jun 2012.

SANCHEZ, Z.V. D. M. *Razões que levam determinados jovens, mesmo expostos a fatores de risco, a não usarem drogas psicotrópicas*. 184f. 2004. Tese de Doutorado. Escola Paulista de Medicina, 2004.